



IMAN 406
SOCIEDADE METODISTA DE HOMENS
HOMENS EM COMUNHÃO E ORAÇÃO



ESTUDOS BÍBLICOS

EDOM

**O QUE SIGNIFICA:
NO PASSADO,
PRESENTE E FUTURO?**

Apêndice ao Estudo 3: A Dinastia Herodiana

Pedro A D Rezende

01-06-2015

Baseado em material publicado pelo canal *The Bible Truth Prophecy Video Vault*

https://www.youtube.com/playlist?list=PLsmUZDApxHVEKTcU63SF_H_s1tSxazn6q

Série de 7 estudos publicada em <http://www.cic.unb.br/~rezende/iman#estudos>

Objetivos deste estudo:

- Examinar o caráter de Esaú como modelo de indivíduo e como modelo de nação; (Gênesis 25:21)
- Extrair exortações para cristãos de qualquer geração a partir desses modelos; (Obadias 1)
- Identificar o roteiro de um *trailer* (resenha) sobre o vindouro julgamento das nações; (Mateus 25:32)
- Acompanhar através da História o confronto entre descendentes de Jacó e Esaú;
- Mapear quem Edom representa hoje, individual ou nacionalmente, em relação a profecias que estão prestes a se cumprir, e seu papel no futuro.

Resumo

Nas profecias sobre a restauração do reino de Israel nos "últimos dias", Edom representa os inimigos de Jacó. Eles se unirão sob a tutela de Gog, que então será o Chefe da Casa de Esaú. Obadias teria tido uma visão dessa confederação, ocupando em relação a Israel configuração semelhante a que o reino de Edom ocupou nos tempos do profeta.

Obadias registrou a frase

"E os teus valentes, ó Temã, estarão atemorizados, para que do monte de Esaú seja cada um exterminado pela matança. Por causa da violência feita a teu irmão Jacó, cobrir-te-á a confusão, e serás exterminado para sempre."

Também registrou que

"Porquanto o dia do Senhor está perto, sobre todas as nações, como tu fizeste, assim se fará contigo; o teu feito tornará sobre a tua cabeça. Pois como vós bebestes no meu santo monte, assim beberão de contínuo todas as nações; sim, beberão e sorverão, e serão como se nunca tivessem sido. Mas no monte de Sião haverá livramento, e ele será santo; e os da casa de Jacó possuirão as suas herdades. E a casa de Jacó será fogo, e a casa de José uma chama, e a casa de Esaú palha; e se acenderão contra eles, e os consumirão; e ninguém mais restará da casa de Esaú, porque o Senhor o falou."

Estudaremos, com ajuda da História, como estas profecias podem ser interpretadas à luz das demais, inclusive como elas ajudam a elucidar as ainda não cumpridas, conforme estão registradas nas Escrituras Sagradas da Bíblia.

Programação

Estudo 1: Esau é Edom, figurativamente

Baseado em Gênesis 25 {youtube v=NMg5G-RxiGI}

Estudo 2: O caráter de Edom na História

Baseado em Gênesis 27 {youtube v=qwQ7gWDCQ}

Estudo 3: (Edom ainda existe?) **Apêndice 3a: A dinastia Herodiana**

Baseado em Gênesis 36 {youtube v=sBovhTu0Ju0}

Estudo 4: Esaú – O povo da minha maldição

Baseado em Isaías 34 {youtube v=QdAcZWBbQzw}

Estudo 5: O destino de Edom: miniatura de muitas nações

Baseado em Ezequiel 36 {youtube v=_RkxjJLFPPY}

Estudo 6: Quem é esse, que vem de Edom?

Baseado em Isaías 63 {youtube v=KcIZyyX3Jl8}

Estudo 7: Julgamento do monte de Esaú

Baseado em Obadias {youtube v=9X0tmbSa-Jg}

Abreviações:

[ACF] – Bíblia versão João Ferreira de Almeida Corrigida e Fiel

[ARA] – Bíblia versão João Ferreira de Almeida Revisada e Atualizada

[ARC] – Bíblia versão João Ferreira de Almeida Revisada e Corrigida

[ATB] – Bíblia versão João Ferreira de Almeida Tradução Brasileira (1917)

[KJV] – Bíblia King James Version (em inglês)

[LXX] – Bíblia hebraica traduzida ao grego em Alexandria em 230 AC (Septuaginta)

“ ” – Citações: Textos entre aspas são citações literais extraídas da fonte citada em nota de rodapé adjacente.

Apêndice ao Estudo 3

A Dinastia Herodiana

Como os edomitas reinaram sobre Israel com os Romanos?

- O fundador da dinastia Herodiana: Antipater, o Idumeu

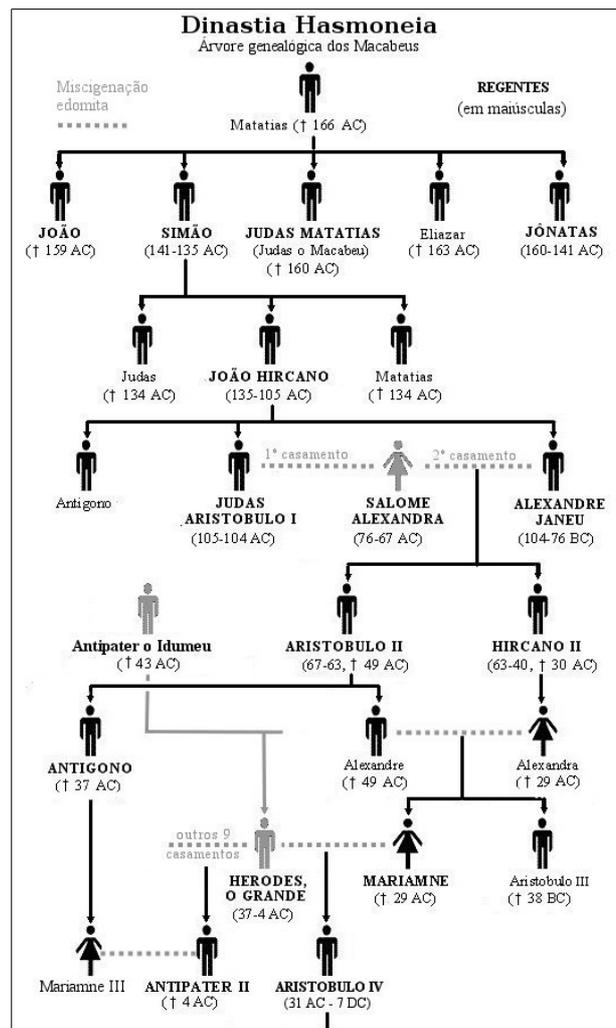


Conforme narrativas históricas e enciclopédicas¹, Antipater era nativo da Idumeia, de origem edomita. Tornou-se um poderoso oficial do rei hasmoneu Hircano II, e depois, um cliente do general romano Pompeu, quando este conquistou a Judeia para Roma em 63 AC.

O historiador Josephus explica que a família de Antipater havia se convertido ao judaísmo no período em que o rei hasmoneu João Hircano (avô de Hircano II), sob influência saduceia, forçou a conversão de edomitas na Idumeia, após conquistar a região em 110 AC.

Mas a conversão forçada não foi reconhecida pela tradição farisaica dominante. Mesmo que Antipater e sua família pudessem ter-se declarado de fé judaica, não foram considerados judeus pelos judeus mais devotos e nacionalistas da Judeia na época. Esta classe influente se ressentia da origem edomita de Antipater, de suas interferências helenizantes na tradição judaica, e de sua convivência com os invasores romanos.

Antipater era conhecido como um homem sedicioso e encrenqueiro, que explorou ambiciosamente a frouxidão de Hircano II. A morte em 67 AC de rainha Salomé Alexandra, única mulher além de Atalia a reinar em Jerusalém, havia mergulhado a Judeia numa guerra civil entre seus dois filhos, Hircano II e Aristóbulo II. Depois de Aristóbulo II ter deposto seu irmão mais velho do trono e do sumo sacerdócio em Jerusalém, Antipater induziu Hircano II a lutar contra seu irmão para retomar o poder, convencendo-o que seu irmão tinha intenção de matá-lo. Antipater providenciou para que



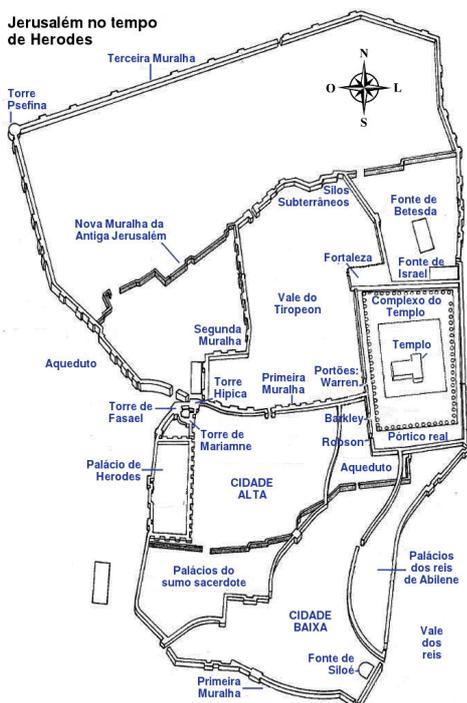
1 Fontes: <http://jewishencyclopedia.com/articles/7598-herod-i>
http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Herod_the_Great
<https://www.youtube.com/watch?v=sBovhTuOJu0> - Imagem editada de infograma no vídeo

Hircano II buscasse proteção com seu sogro, o rei nabateu Aretas III, em Petra. Em troca de promessa de cessões territoriais, Aretas forneceu 50.000 soldados. Suas forças conjuntas sitiaram Aristóbulo II em Jerusalém, provocando grande agitação que chamou atenção do general Pompeu, responsável pelas províncias romanas do Mediterrâneo oriental.

- **A Conquista romana de Jerusalém**

Pompeu acabara de vencer a 3ª Guerra Mitridática, e de criar a Província romana da Síria, de onde pretendia estabelecer a lei e a ordem na região. Ele então envia a Jerusalém seu lugar-tenente na Síria, Aemilius Scaurus, para resolver o caso. Scaurus foi abordado por ambas as partes, e a questão foi resolvida com uma propina de Aristóbulo II. Scaurus ordenou que Aretas levantasse o cerco a Jerusalém, mas quando seu exército retirou-se, Aristóbulo II partiu em sua perseguição e derrotou os nabateus em Papyron.

Quando Pompeu chegou a Damasco vindo de Roma em 63 AC, ambos (Hircano II e Aristóbulo II) foram visitá-lo em busca de nova mediação². Pompeu informou as partes em conflito que deveriam esperar, pois ele iria pessoalmente resolver a questão na Judéia, quando chegasse lá. Mas Aristóbulo II não esperou por isso. Deixou Damasco, e foi se refugiar em sua fortaleza de Alexandrium. Esta atitude irritou Pompeu, que mandou suas tropas à Judeia com o intuito de depor Aristóbulo II. Entretanto, quando as tropas de Pompeu chegaram às portas de Jerusalém, lideradas pelo general Aulus Gabinius, os partidários de Aristóbulo II se recusaram a deixá-las entrar na cidade. Enfurecido, Pompeu mandou sitiar Jerusalém e prender Aristóbulo II.



Josephus narra que quando Pompeu chegou a Jerusalém e inspecionou a situação, viu como seria difícil penetrar a muralha da cidade para invadi-la. E que, além disso, lá dentro o Templo (que poderia servir de refúgio) tinha também sua própria muralha. Para sorte de Pompeu, entretanto, Hircano II ainda tinha apoiadores na cidade. Estes então abriram um portão, provavelmente na parte noroeste da muralha externa (a “Terceira Muralha”), para deixar os romanos entrarem, o que permitiu a Pompeu ocupar a parte ocidental de Jerusalém, incluindo o Palácio Real. Enquanto isso, Aristóbulo II e seus partidários se refugiavam e defendiam a parte oriental, o complexo do Templo e da Cidade de Davi (Jerusalém antiga), partes muradas internamente.

Pompeu ofereceu a Aristóbulo II e seus partidários a chance de se renderem, mas quando estes se recusaram ele apertou o cerco. Mandou suas forças construírem torres de assalto e um fosso em torno da área controlada pela resistência, e em seguida transferiu seu acampamento para dentro da cidade, ao norte e a sudoeste do Templo. Depois de três meses de ataques, as tropas de Pompeu finalmente conseguiram derrubar uma das torres de uma muralha interna (Baris) e invadir o Templo.

² [http://en.wikipedia.org/wiki/Siege_of_Jerusalem_\(63_BC\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Siege_of_Jerusalem_(63_BC))

12.000 judeus foram mortos, enquanto apenas alguns soldados romanos pereceram. Pompeu voltou para Roma levando Aristóbulo II e seu filho Antígono entre os prisioneiros.

- **A ascensão de Antipater**



A conquista de Jerusalém foi um desastre para o reino hasmoneu. Pompeu reintegrou Hircano II como sumo sacerdote mas destituiu-o de seu título real (embora Roma viesse depois a reconhecê-lo como um etnarca, 19 anos mais tarde). A Judeia permaneceu autônoma como província mas foi obrigada a pagar tributo, e a tornar-se dependente da administração romana na Síria. O reino foi desmembrado, perdendo partes da Idumeia e Samaria, e várias cidades helenizadas receberam autonomia para formar a Decápole.

Ainda, Hircano II se mostrou ineficaz como administrador ou, pior, como cobrador de impostos. Antipater foi então capaz de insinuar-se a uma posição de influência, passando a exercer autoridade que deveria ser de Hircano II como sumo sacerdote. Antipater reconhecia o crescente domínio de Roma na região, e

explorou isso para sua vantagem política, que se concretizaria em sua própria dinastia.

Quando Júlio César e Pompeu foram para batalha no Egito, em 47 AC, Pompeu foi morto e Antipater decidiu reorientar sua lealdade para Júlio César. Quando Júlio César foi sitiado em Alexandria, Antipater o resgatou com três mil homens e o apoio de muitos voluntários. Por suas demonstrações de bravura, Júlio César concedeu cidadania romana a Antipater e liberou-o de pagar impostos, em meio a outras honras.

Mais tarde, quando Antígono (filho de Aristóbulo II) retornou do cativeiro romano e reclamou o trono hasmoneu, Antipater fez uma grande cena de suas cicatrizes em lutas travadas pela vida de Júlio César no Egito. Ele se justificou com uma história de lealdade inabalável aos romanos, convencendo Júlio César a reagir nomeando-o o primeiro Procurador romano da Judeia. Isto permitiu que os judeus passassem a desfrutar de um grau especial de proteção e liberdade para se governarem, com a boa vontade de Roma. Josephus observa que, com esses direitos recém-obtidos de Roma, Antipater começou logo a reconstruir os muros que Pompeu destruíra em Jerusalém, no ataque a Aristóbulo II.

Antipater estabeleceu a ordem, moderando distúrbios na Judeia e ameaçando tornar-se um "mestre severo em vez de um governador gentil", se a indisciplina prevalecesse. E a Judeia então se tranquilizou por algum tempo. Nesse período, Antipater – que havia se casado com Cypros, princesa árabe nabateia com quem teve seis descendentes – toma a decisão mais importante do seu legado: fez seu filho mais velho, Fasael, governador da Judeia, e seu terceiro filho, Herodes, governador da Galileia, quando este tinha cerca de vinte e cinco anos (ou quinze, conforme Josephus, idade que alguns acreditam errônea).

Após o assassinato de Júlio César, Antipater aliou-se a Gaius Cassius Longinus contra Marco Antônio. Gaius foi à Síria se rearmar, e para isso começou a exigir tributos extorsivos na região, a ponto de cidades inteiras terem que se vender como escravos e escravas. Na Judeia, Antipater tentou dividir o custo entre seus dois filhos, protegendo o aristocrata encarregado de coletar tributos (Malichus). Embora Antipater tenha salvado a vida de Malichus, que o odiava, para ficar bem com Cassius, Malichus continuou a desprezá-lo e a atentar contra ele. Seja para proteger Hircano II contra a crescente ameaça de Herodes, seja para se desfazer de ambos e tomar para si o poder, segundo Josephus.

A ação política de Antipater como mediador entre os hasmoneus, árabes e romanos inaugurou uma dramática mudança de rumo na história da nação judaica, mas sua política pró-romana levou à sua crescente impopularidade entre os judeus devotos não helenizados. Assim, depois de várias tentativas fracassadas de assassinar Antipater, Malichus finalmente conseguiu subornar um dos copeiros de Hircano II (de quem Antipater era formalmente assessor) para envenená-lo. E Antipater morreu, envenenado, em 43 AC.

- **Ascensão de Herodes**



Em seu primeiro ato como governador da Galileia, Herodes já havia mostrado que tinha a intenção de agradar os romanos a qualquer custo. Ao contrário do que determinava a lei judaica, que concedia ao mais vil criminoso o direito de julgamento pelo Sinédrio (único tribunal com autoridade para decretar sentença de morte pela lei judaica), Herodes mandou matar um bando de fanáticos que atacavam cidades pagãs e roubavam caravanas. Este ato foi altamente elogiado pelos romanos, que viam esses fanáticos como rebeldes resistindo à dominação romana, mas enfureceu os líderes do partidarismo nacional judaico, que perceberam no gesto objetivos políticos ameaçadores ao delicado equilíbrio entre as leis e tradições judaicas e as dos invasores romanos.

Exercendo pressão sobre o fraco Hircano II, esses partidários judaicos haviam obtido permissão para processar o governador Herodes perante o Sinédrio. Na primeira audiência, Herodes foi acompanhado de um guarda, e não se prestou a oferecer qualquer defesa de sua conduta; simplesmente leu uma carta de César Sextus, governador da Síria, na qual Hircano II era ameaçado com terríveis consequências caso as acusações contra Herodes não fossem retiradas. Intimidados, os juízes do Sinédrio não se atreveram a proferir qualquer palavra acusatória. Então o presidente do tribunal (Semaías) repreendeu Herodes por seu atrevimento, e alertou seus colegas de que eles iriam algum dia pagar caro por suas fraquezas. Hircano II interrompeu então a sessão até o dia seguinte, e recomendou em privado ao acusado que deixasse Jerusalém secretamente durante a noite.

Em seguida Herodes refugiou-se na Síria, sob a proteção de César Sextus, que o nomeou prefeito da cidade de Coele-Síria. Herodes reuniu lá então um bando armado com o objetivo de avançar sobre Jerusalém para castigar o Sinédrio, mas foi convencido por seu pai e seu irmão mais velho (Fasael) a desistir de sua pretendida vingança³. Mas em 41

³ <http://en.wikipedia.org/wiki/Phasael>

AC, enquanto Marco Antônio estava na Bitínia, acusações foram novamente trazidas ao Sinédrio, desta vez contra os dois filhos de Antipater, que eram alvos do ódio de muitos judeus devotos. E Herodes conseguiu que as acusações fossem mais uma vez retiradas.

No entanto, era impossível para o Sinédrio aceitar a forma de governo praticada por Herodes e Fasael, e as acusações contra ambos foram eventualmente levadas perante Marco Antônio, em Antioquia. Mais uma vez as acusações não deram em nada, pois Marco Antônio estava em débito com Antipater, e, além disso, o próprio Hircano II havia deposto em favor de Fasael e Herodes. Para encerrar, o triúmviro general nomeou os acusados “tetrarcas”, reconhecendo-os assim como governantes também pela lei romana.

Enquanto isso, Antígono (sobrinho de Hircano II) esforçava-se para tomar o trono judeu, que seu pai Aristóbulo II fora forçado (pelo general Pompeu) a abandonar em favor de seu tio. Nesse período haviam frequentes conflitos em Jerusalém, entre seus partidários e servidores dos dois governantes edomeus, especialmente perigosos durante as festas judaicas. Por ocasião da festa de Shavuot (Pentecostes) em 40 AC, Antígono resolveu então atacar. Mas Fasael defendeu bem as muralhas, e Herodes, o palácio. No impasse, Antígono pediu ajuda ao Império Parto, contrapeso geopolítico ao poder Romano a oeste.

Apesar da advertência de Herodes, Fasael e Hircano II foram seduzidos a irem ao acampamento de Barzapharnes, chefe dos Partos, sob o pretexto de negociar a paz. Lá, Fasael e Hircano II foram presos e entregues a Antígono. Hircano II foi mutilado e enviado em exílio para a Babilônia, uma desgraça que Fasael evitou correndo, com seu crânio ferido, talvez numa tentativa de suicídio. Porém, sabendo antes de morrer que seu irmão Herodes havia escapado de Jerusalém e estava seguro. (Herodes depois honrou a memória de seu irmão dando ao filho que teve com Pallas o nome de Fasael (II), a uma cidade a nordeste de Jericó, o de "Fasaeles", e a uma torre de seu palácio, o de "Fasaelus")

- **A conquista de Jerusalém e o início da dinastia Herodiana**

Com apoio do Império Parto, Antígono conseguiu invadir Jerusalém, de onde Herodes fugiu. Logo Herodes tentou reconquistar Jerusalém, mas as forças de Antígono, apoiadas por judeus devotos que viam em Antígono um precursor messiânico e consideravam a família de Herodes mestiça, defenderam com sucesso a cidade, forçando a tropa de Herodes a debandar. Herodes foi então em direção ao sul, para o Egito, onde Cleópatra lhe ofereceu um posto de general, que ele recusou. Depois foi para oeste, até a Arábia, mas sem conseguir o que queria acabou indo para Roma.

Em Roma, Herodes pediu ajuda para ser reconduzido ao poder. Lá ele foi bem recebido, e no Senado romano foi declarado “rei dos judeus”, título que depois César Augusto viria a confirmar. Herodes voltou então à Judeia, para tentar conquistá-la com tropas romanas. Numa tentativa de garantir o direito adicional ao trono pela tradição judaica, e assim pleitear aceitação do povo judeu, durante o cerco a Jerusalém (que durou meses) Herodes cumpriu um acordo e em Samaria se casou com uma neta e sobrinha adolescente de Antígono, Mariamne, de quem estava noivo havia 5 anos. Sob o comando do general Sosius, Antígono foi finalmente derrotado em 37 AC. No entanto, Herodes já tinha uma es-

Marco Antônio declarou que a questão era assunto interno da jurisdição de Herodes, e este voltou para Jerusalém confiante no contínuo apoio de Roma. Porém, ao mesmo tempo, Marco Antônio transferiu para Cleópatra a província de Gaza – vital para acesso da Judeia ao Mediterrâneo – e outros recursos (como Jericó) que eram caros a Herodes⁴.

Mas logo Herodes consolidaria sua posição com Roma, entre 32 e 31 AC, ao ganhar uma guerra contra os nabateus, que haviam se rebelado contra seu governo. Para logo ficar sabendo que, na política imperial, Otaviano derrotara Marco Antônio e Cleópatra, em Actium. Antevendo o desfecho daquela disputa pelo fim do triunvirato, Herodes planeja então se ausentar para ir negociar novas bases de apoio imperial. Como ele havia recebido, de volta do exílio na Babilônia, com boas vindas a Hircano II em Jerusalém, Herodes primeiro muda de ideia e manda matar o ex-rei que seu pai assessorava, e a quem ele servira como governador, sob a acusação de conspirar contra ele junto aos nabateus.

Herodes então viaja à ilha de Rhodes, onde declara sua lealdade ao general Otaviano, em 30 AC. Herodes demonstrou sua lealdade com generosa provisão de tropas a Otaviano, que estava indo ao Egito para liquidar de vez com Marco Antônio e Cleópatra. Após o suicídio do famoso casal, Herodes escoltou o vitorioso Otaviano em seu retorno a Antioquia, e foi recompensado com a devolução de todas as terras que havia perdido para Cleópatra por mediação de Marco Antônio, e com sua confirmação como rei da Judeia (por esse triúmviro que depois viria a se declarar imperador, sob nome de César Augusto).

- **Costobarus, um explícito edomeu**

Outro personagem que merece destaque neste Apêndice 3a, pela trajetória que caracteriza a identidade edomita na dinastia herodiana, é Costobarus (também chamado Costobar, mesmo nome do irmão do rei Saul). Assessor de Herodes, foi ele o encarregado de vigiar as saídas da cidade durante o cerco a Jerusalém, na campanha militar ordenada por Marco Antônio para derrubar Antígono. Após derrotar Antígono e tomar posse como rei da Judeia em nome de Roma, Herodes nomeou Costobarus governador da Idumeia e Gaza, e depois, deu-lhe sua irmã Salomé em casamento quando esta ficou viúva.

Embora Costobarus aceitasse “de bom grado esses favores”⁵, seu foco sempre foi a Idumeia e suas ambições relativas à região. Costobarus era de uma família nobre de sacerdotes edomitas e ressentia o que João Hircano havia feito aos edomeus, forçando-os a adotar os costumes e as leis dos judeus. Costobarus “não achava adequado executar certas ordens de Herodes, ou que os edomitas se sujeitassem a elas.” Ele tinha também suas próprias ambições, que eram pela soberania e independência edomitas. Chegou a abordar Cleópatra para que ela, em troca de sua lealdade, pedisse a Marco Antônio que transferisse a região da Idumeia, não para Herodes como parte da Judeia, mas para si, sob o argumento de que a Idumeia “tinha *sempre* pertencido a seus antepassados”

Quando ficou sabendo dessa ingerência de Costobarus, e da recusa de Marco Antônio

4 http://en.wikipedia.org/wiki/Antipater_the_Idumaeen

5 <http://en.wikipedia.org/wiki/Costobarus>

nio em atendê-lo, Herodes tentou matar Costobarus, mas sua mãe e sua irmã (então esposa dele) o impediram. A partir daí Herodes já não confiava nele. E quando outros sinais de suas ambições surgiram, no processo de divórcio que Salomé moveu contra Costobarus (a Lei judaica não permitia à mulher pedir divórcio, mas Salomé era irmã de Herodes), o destino de Costobarus foi selado. Salomé declarou que ele tinha intenção de fugir da Judeia com Feroras, o irmão de Herodes que havia sido relegado da dinastia por causa de sua paixão por uma escrava. E que, durante o cerco a Jerusalém, cujas saídas ele fora incumbido de vigiar, Costobarus protegera certos judeus que Herodes desejava manter confinados (os filhos de Baba, que Costobarus teria escondido em sua propriedade).

Apesar de toda esta intriga, que incluem referências ambíguas à sua morte (entre 27 e 25 AC), alguns descendentes de Costobarus com Salomé estão entre os mais notáveis na história da dinastia herodiana. Enquanto outros, estiveram envolvidos com o Movimento do Jesus Nazareno. Todavia, este Apêndice 3a pretende apenas expor esta identidade na linhagem que vai até o último herodiano sabidamente envolvido no destino da nação e povo judeus (o rei Herodes Agripa II), para expor a incoerência histórica da tese hoje prevalente sobre os edomeus: a de que teriam “desaparecido com a destruição de Jerusalém pelo general Tito em 70 DC.”⁶ Terminamos então com um resumo da trajetória restante do fundador da dinastia herodiana, e um breve dos dois sucessores nessa linhagem.

- **Herodes, o Grande**

Enquanto a trajetória política de Herodes prosperava (a ponto de ganhar a alcunha “o Grande”), sua vida pessoal ia se enredando em drama e tragédias. Antes de viajar a Laodiceia para depor sobre a morte do sumo sacerdote Aristóbulo III, ele havia deixado sua esposa (Mariamne) aos cuidados do seu cunhado Josefo (primeiro esposo de sua irmã Salomé), instruindo-o em segredo para matar Mariamne caso ele não retornasse do depoimento. Salomé, que na época desejava se livrar do esposo, na volta de Herodes acusou seu esposo Josefo de ter seduzido Mariamne. Informado também de que Mariamne ficara sabendo do seu plano para o caso dele não retornar a Jerusalém, Herodes foi persuadido: mandou matar Josefo, sem defesa ou julgamento.

Depois, ao viajar a Rhodes para apostar seu futuro no general triúmviro Otaviano, Herodes havia novamente ordenado – desta vez a um tal de Sohemus – que matasse Mariamne se ele não retornasse. Mariamne ficou sabendo e quando Herodes voltou, deu-lhe viva prova de sua repulsa àquele plano. Novamente Salomé acusou-a de ter tido encontros sexuais ilícitos, e novamente Herodes viu sinais de culpa na quebra do segredo do seu plano para excluí-la de sua sucessão. Sohemus foi imediatamente executado, e Mariamne foi acusada de adultério, em uma espécie de tribunal privado. Foi condenada e executada na Judeia em 29 AC, deixando dois órfãos (Aristóbulo IV e Alexandre) em Roma

Após esta execução, atormentado por remorso, Herodes lançou-se a desatinos. Foi caçar em Samaria e, tendo lá adoecido, deu azo a um boato de sua morte, que chegou até Jerusalém. Onde sua sogra Alexandra, que acabara de perder – em situações mal ex-

6 Thomas Williamson: “Edom in Bible Profecy” <http://thomaswilliamson.net/edom.htm>

plicadas – tanto sua filha rainha quanto seu filho sumo sacerdote, começou a tramar pela sucessão ao trono em caso de Herodes ter morrido. Alexandra tentou ganhar o apoio dos comandantes das duas fortalezas em Jerusalém, e isso chegou aos ouvidos de Herodes em Samaria. O resultado foi a sogra acabar também executada, por sedição, em 28 AC, rumo à completa eliminação da descendência hasmoneia no caminho ao trono da Judeia.

Os últimos anos do reinado de Herodes seguiram a mesma toada. Os atores do drama que eliminou Mariamne renovaram suas calúnias depois que os dois filhos dela retornaram de Roma, em 17 AC, para onde tinham ido ainda crianças a serem educadas. Belos como a mãe, de maneiras polidas pela corte romana, Alexandre e Aristóbulo IV foram aclamados em Jerusalém, por aqueles saudosos dos seus antepassados que eram soberanos legítimos da nação. Esta popularidade os deixou vaidosos e imprudentes ante o sombrio ódio de Salomé contra os hasmoneus. Embora Aristóbulo IV houvesse se tornado genro ao se casar com sua filha Berenice, Salomé não cessou de atormentar abertamente a Herodes sobre um suposto desejo dele e de Alexandre se vingarem da morte da mãe.

Mostrando suas possíveis intenções quanto à sucessão ao trono, Herodes calhou de dar um alto cargo na corte a Antipater II, filho de sua primeira esposa Doris. Esta esposa e seu filho, agora resgatados do exílio que havia durado enquanto convinha, para que ele se firmasse no trono da Judeia legitimando-se antes pela tradição judaica. Antipater II foi com isso atizado por sua tia Salomé a se livrar dos dois meio-irmãos, de qualquer jeito, se quisesse herdar o trono. A ruptura entre o pai e seus dois filhos de linhagem hasmoneia ampliou-se a tal ponto que Herodes os levou ao tribunal romano em Aquileia e os acusou perante César Augusto, resultando numa reconciliação que não durou muito.

Assim que Herodes retornou com seus filhos Alexandre e Aristóbulo IV a Jerusalém, Antipater II (apoiado por Salomé e Feroras) retomou suas armações. Cartas forjadas, confissões extorquidas de escravos torturados, nova conciliação – esta realizada pelo sogro de Alexandre (Arquelau, rei da Capadócia) – que, como a primeira, durou pouco. E por fim, com uma nova acusação instrumentada por um diplomata grego da corte de Herodes, Antipater II obteve autorização de César Augusto para a interdição real contra esses dois meio-irmãos. Com isso, Herodes submeteu-os a um julgamento simulado em Beritus (antiga Beirute), onde foram condenados sem direito a defesa. Logo depois foram mortos por estrangulamento em Samaria, por ordem de Herodes, em 6 AC.

Um ano depois foi a vez de Antipater II. Uma investigação sobre a morte súbita de seu tio Feroras revelou que ele tramava a morte do seu pai. Induzido com outro pretexto a se apresentar, Antipater II foi então acusado perante Publius Quintilius, governador da Síria, de conspirar para assassinar Herodes. Foi declarado culpado, e condenado à morte. Mas devido à condição de herdeiro real, o imperador teria que confirmar a sentença, removendo a condição de herdeiro de um trono cliente. Esta condição foi removida por César Augusto, em 4 AC, e transferida a Herodes Antipas. Antipater II foi então executado e, por testamento, Herodes Arquelau (filho do casamento com Maltace) foi feito herdeiro; como rei sobre todo seu reino, e com Antipas e Filipe como Tetrarcas sobre certos territórios.



Apesar de algumas tentativas em se adequar às leis judaicas, em muitos casos Herodes foi insensível a elas. Josephus relata que esta era uma das principais queixas dos judeus contra o Idumeu. Ele introduziu em Jerusalém formas estrangeiras de entretenimento, e mandou instalar uma águia dourada no pórtico de entrada do Templo, sugerindo que não representava os verdadeiros valores da fé judaica. Os impostos também lhe deram uma má reputação. Ainda mais por causa de sua constante preocupação com tal reputação, pois Herodes muitas vezes doava presentes caros e gastava muito.

Durante seu reinado, as duas principais seitas judaicas (fariseus e saduceus) também se opuseram a Herodes. Os fariseus se indignaram por ele ignorar muitas de suas demandas relativas ao Templo. Ao mesmo tempo os saduceus, que tinham responsabilidades sacerdotais no Templo, se opuseram porque Herodes substituíva sumos sacerdotes por egressos da Babilônia e de Alexandria, talvez para ganhar apoio de judeus fora da Judeia. O clima piorou em 6 AC, quando ele executou vários líderes fariseus, por terem anunciado que a vinda do Messias significaria o fim do seu reinado. E mais ainda dois anos depois, quando jovens estudantes da Torá quebraram o símbolo romano da águia dourada que Herodes pusera na entrada do Templo, e ele mandou queimar vivos dois professores e 40 estudantes.

Até o fim da sua vida, mesmo com muita dor devido a uma doença debilitante, Herodes o Grande reteve a astúcia e crueldade que marcaram seu caráter. Culminando com o chamado “Massacre dos Inocentes”, em que crianças masculinas de até dois anos da região de Belém teriam sido sacrificadas devido ao iminente nascimento do Messias (confirmado até por homens sábios vindos do oriente), visto como ameaça a seu reinado. Embora a veracidade desse evento seja muito debatida, por ter sido registrado apenas em **Mt 2**, ele é coerente com a bem documentada crueldade de Herodes como governante e regente. Própria exatamente do tipo de gente e de nação que os Estudos 1 e 2 descortinam, com respeito à profecia de Deus para Rebeca, sobre Esaú e Edom.

O final de seu reinado foi marcado pela obsessão em induzir o povo a lamentar sua morte durante seu funeral, enquanto frustração e raiva eram sentimentos comuns entre judeus na nação. Surto de violência generalizada em várias cidades, inclusive Jerusalém, sucederam sua morte em 4 AC, ocorrida cinco dias depois da execução em Jericó do seu filho Antipater II. Tais sentimentos foram transferidos contra seus sucessores, e confundidos ou misturados com anseio por libertação ou rejeição à dominação romana, fator que alguns creem ter influído para deflagrar as Guerras Judaico-Romanas, em que o Templo foi destruído e sobreviventes dispersados como escravos pelas províncias do império.

- **Os sucessores Agripa I e II**

Após a execução de Aristóbulo IV em 6 AC, seu filho Agripa (Herodes Agripa I), então com 7 anos, foi mandado pelo avô Herodes (o Grande) para a corte imperial de Roma⁷. Lá o imperador Tibério se afeiçoou ao menino, e Agripa foi educado com o filho de Tibério, que se tornou seu amigo. Com a morte do amigo, suas extravagâncias, dívidas e imprudência, Agripa foge para a Idumeia e se refugia na fortaleza de Malatha, onde se diz que pensou em suicídio. Com ajuda da esposa Cypros, sua irmã Herodias e o cunhado-tio Herodes Antipas (Tetrarca da Galileia e Pereia), ele se mudou para Tiberíades, onde ganhou deles um cargo administrativo. Mas, tendo brigado com Antipas, fugiu de novo, agora para a Síria. Lá foi acusado de se envolver em suborno, delatado por um de seus irmãos.

Da Síria ele foge outra vez, tentando voltar a Roma. Foi preso quando ia embarcar, por conta de uma dívida fiscal, mas fugiu novamente, conseguindo chegar em Alexandria. Lá sua esposa conseguiu empréstimo com o futuro sogro de uma das filhas (Alexandre Alabarch), e Agripa seguiu então para Roma, onde foi recebido por Tibério, que lhe confiou a educação de um neto (Tibério Gemellus). Tornou-se também íntimo de Calígula. Um dia, um empregado escutou Agripa expressar desejo pela morte de Tibério, para Calígula se tornar imperador, e por isso ele acabou preso. Mas em 37 DC Tibério morre, e seu amigo ascende ao trono de Roma. Calígula manda então soltá-lo, e lhe presenteia com uma corrente de ouro de peso igual ao da corrente de ferro que lhe prendia no cativeiro.

Calígula também nomeia Agripa rei de Gaulanitis, Auranitis, Batanaea, e Trachonitis, territórios da tetrarquia do seu tio Filipe, adicionados agora ao de Abila, com o tio deposto. Em 39 DC Agripa volta a Roma, para conseguir a deposição de outro tio – e cunhado que lhe ajudara, Herodes Antipas – e ficar também com sua tetrarquia, a da Galileia e Pereia. Com isso ele obteve um reino em território judaico que só não incluía a região central, da Judeia (que inclui Samaria e Idumeia). Mas depois de dois anos Calígula é assassinado, e Agripa volta novamente, agora para se envolver na disputa pelo trono, entre Claudius, a Guarda Pretoriana e o Senado. Sobre esse envolvimento, chegamos duas versões.



Em “A Guerra dos Judeus”, Josephus nos apresenta Agripa no papel de simples mensageiro para um Claudius confiante e enérgico. Mas em “Antiguidades dos Judeus”, seu papel se destaca como central, e crucial na disputa: Agripa convence Claudius a se levantar contra o Senado, e o Senado, a evitar atacar Claudius. Fato incontestável entretanto é que, após se tornar imperador, Claudius dá a Agripa o domínio sobre a Judeia, Samaria e Idumeia, até então governadas por Herodes Arquelau. E dá também, a pedido do mesmo Agripa, o reino de Chalcis (no Líbano) a seu irmão Herodes V (também chamado Herodes de Chalcis). Assim, Agripa I se torna um dos mais poderosos

⁷ Mason, Charles Peter (1867), "Agrippa, Herodes I", in Smith, William, Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology 1, Boston: Little, Brown and Company, pp. 77–78

reis no oriente médio, com domínios equiparáveis aos de seu avô, Herodes o Grande.

De volta à Judeia, Agripa I reinou para satisfação dos judeus devotos. Seu zelo pelo Judaísmo, honrando a linhagem de sua desonrada avó hasmoneia, foi notado por Josephus e alguns rabinos. Um deles relata que Agripa, durante a leitura real da Torá, quando leu em **Dt 17:15** "*não se pode colocar sobre ti um estrangeiro*" como rei, seus olhos lacrimejaram. E sacerdotes o consolaram em seu dilema edomeu, como a um irmão. Doutra feita, arriscando até a vida, Agripa intercedeu por judeus junto a Calígula quando este mandou instalar estátua de si no Santo dos Santos do Templo, pouco antes de sua morte (em 41 DC); o que pode ter ajudado este a desistir da sua ordem que profanaria o lugar⁸, com a *abominação de desolação* que Jesus profetiza para o fim dos tempos (**Mt 24:15**).

Três anos depois, após a Páscoa de 44 DC, estando em Cesareia para os jogos em homenagem ao imperador Claudius, rompe em meio ao público de seu discurso real um clamor que dizia "*isto não é voz de homem, mas de um deus*", e Agripa não reage. E é imediatamente acometido por dores violentas no coração e abdômen, morrendo 5 dias depois, aos 55 anos⁹. **At 12** revela que ele foi comido por vermes, tendo Deus o ferido por aceitar a bajulação de sicofantas que o comparava a um deus. Os cristãos podem ver nessa morte um juízo divino, pressagiado por Jesus em **Mt 23:37** e em **Lc 13:34** à luz de **Mt 22:29** ou **Mc 12:24**, pela indisfarçável hostilidade de Agripa I contra a Igreja primitiva.

Devido à idade do herdeiro Herodes Agripa II (17 anos) quando Agripa I assim morreu, o imperador Claudius (em cuja corte o jovem vivia) não lhe concedeu imediatamente a sucessão¹⁰. Enviou Cuspius Fadus como Procurador para a província de Judaea (região administrativa que incluía Jerusalém) e indicou Ventidius Cumanus, Procurador da província romana de Iudaea (que abarcava toda a nação de Israel), para exercer a função de regente temporário. Com a morte do tetrarca Herodes V em 48 DC, o imperador Claudius faz de Agripa II o rei de Chalcis, e o nomeia também superintendente do Templo de Jerusalém, cargo que controlava eleições e demissões de sumos sacerdotes no Templo.

Em 53 DC, Agripa II passou a reinar também sobre as províncias então governadas por Filipe e Lisânias. Acrescidas, em 55 DC, de territórios na Galileia e Pereia (3 cidades e 14 vilas), concedidos por um novo imperador (Nero). Ele é outro herodiano influenciado por uma intrigante irmã (como seu bisavô, o Grande): Agripa II e sua bela irmã Berenice seriam amantes. Ambos são retratados no trono em uma famosa pintura de Nikolai Bodarevsky (1875), que encena o julgamento do Apóstolo Paulo em Cesareia, narrado em **At 26** e ocorrido por volta de 59 DC.



8 Ebner, Eliezer, History of the Jewish People, *The Second Temple Era*, Mesorah Publ. 1982, p. 155

9 Josephus, *Antiquitates Judaicae* xix. p. 345–350

10 http://en.wikipedia.org/wiki/Herod_Agrippa_II

Expulso em 66 DC de Jerusalém devido a preferências por Beritus em Chalcis (antiga Beirute), e a caprichos em nomeações e demissões no Sinédrio¹¹, Agripa II entra na 1ª Guerra Romano-Judaica (67 a 73 DC) do lado romano. Inclusive enviando 2 mil de seus comandados ao general Vespasiano, arqueiros e cavaleiros para ajudar a destruir o Templo e matar mais de um milhão de judeus. Ele acompanhou o general Tito em algumas batalhas, até se ferir no cerco a Gamla, na Galileia. Após a captura de Jerusalém, Agripa II se foi com a irmã-amante¹² para Roma, onde o imperador da vez (Vespasiano) aumentou – pode-se supor que por recompensa – seu reino com mais territórios conquistados ou redistribuídos, bem como seus nobres títulos, agora acrescidos da honraria de Pretor.

De acordo com Photius, Agripa II teria morrido no terceiro ano de regência do imperador Trajano (em 100 DC), aos 70 anos¹³. Mas para Josephus, corroborado pela epigrafia contemporânea do seu reinado, Agripa II teria falecido pouco antes de 93 ou 94 DC, como último regente herodiano¹⁴, cujo reino foi então incorporado à província da Síria¹⁴. De qualquer forma, não há qualquer registro ou indício em fontes conhecidas de que ele tenha sido assinado ou morto violentamente, seja executado ou em batalha. E Agripa II era pessoa íntima do historiador Josephus, que até preservou duas cartas do herodiano escritas para ele (transcritas em “Antiguidades Judaicas”)¹⁵, e que morreu depois de 100 DC¹⁶.

Agripa II viveu, assim como seu pai e seu bisavô, o dilema edomeu profetizado na bênção de Isaque a Esaú (**Gn 27:38-40**, Estudo 2). Mas aparentemente sem considerá-lo um dilema espiritual, ao contrário de Agripa I. Todavia, para quem considera a tese de que os edomeus desapareceram “com a destruição de Jerusalém em 70 DC” (tese 1 no Estudo 3), ou seu argumento “cinza”, de que naquele tempo os edomeus já eram todos “judeus completos” (por conversão ou miscigenação), cabe ainda examinar neste Apêndice a ascendência deste personagem que dá força à tese 2 (de que Edom é hoje “Roma”), e profecias em Obadias sobre a forma prometida para a aniquilação final de Edom:

– ⁸Porventura não acontecerá naquele dia, diz o Senhor, que farei perecer os sábios de Edom, e o entendimento do monte de Esaú? ⁹E os teus poderosos, ó Temã, estarão atemorizados, para que do monte de Esaú seja cada um exterminado pela matança. ¹⁰Por causa da violência feita a teu irmão Jacó, cobrir-te-á a confusão, e serás exterminado para sempre ... ¹⁵Porque o dia do Senhor está perto, sobre todos os gentios; como tu fizeste, assim se fará contigo; a tua recompensa voltará sobre a tua cabeça. **Ob 1:8-10,15 [ACF]**

Nota: “Monte” é consistentemente usado em profecias como referência a governos. “Monte de Esaú” pode então estar se referindo a nações que se governam sob influência da descendência edomita, e “sábios de Edom”, aos líderes que se moldam ao referido tipo de caráter (Estudo 1).

11 Rajak, Tessa (1996), "Iulius Agrippa (2) II, Marcus", in Hornblower, Simon, Oxford Classical Dictionary,

12 Berenice primeiro se casou com Marcus Julius, filho de Alexandre Alabarch, por volta de 41 DC. Depois, viúva, casou-se com seu tio Herodes, rei de Chalcis. Depois, viveu com seu irmão Agripa II em uma relação supostamente incestuosa. Finalmente se casou com Polamo, rei da Cilícia. Mas tinha também uma relação civil com o imperador romano Tito. (http://en.wikipedia.org/wiki/Herod_Agrippa#Progeny)

13 http://en.wikipedia.org/wiki/Photios_I_of_Constantinople

14 <http://www.mcnbiografias.com/app-bio/do/show?key=herodes-agripa-ii>

15 Josephus: PACE: Life, 1.1.54 (Whiston), *Apud* http://en.wikipedia.org/wiki/Herod_Agrippa_II

16 <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/8905-josephus-flavius>

O sujeito oculto da frase no v. 10 é irmão de Jacó, portanto Esaú (e não seu monte, sujeito da frase anterior). Assim, no v. 10 a profecia determina – pelo critério de consistência aplicado na seção “simbolismo” no Estudo 3 – o extermínio final de *toda a descendência* (espiritual?) de Esaú, no tempo do juízo aludido no v. 8, com *todos os líderes* que então influenciem a violência contra a descendência de Jacó (aludidos no v. 9) exterminados *violentamente* (“pela matança”).

A frase exclamatória no v. 9 (“ó Temã”) cabe como alegoria para a sede de nações sob influência edomita, uma vez que Temã é o distrito ou cidade do primogênito de Esaú (Elifaz) que nunca foi geograficamente localizada, nem no tempo do profeta Obadias.¹⁷ (Temã é antes usada de forma explicitamente alegórica em **Am 1:12**, associada à 1ª sede do reino histórico de Edom)

O tempo desse juízo está marcado na frase explicativa que inicia o v. 15 (o “Dia do Senhor”), consistentemente associado à 2ª vinda do Messias. No mesmo v. 15 a descendência de Esaú e sua influência (Edom) se enquadram aos gentios, em oposição à de Jacó (como em **Ez 36:5**).

O argumento “cinza”, que toma edomeus por judeus antes desse tempo marcado, colide frontalmente com a força literal deste v. 15. E a tese 1 no Estudo 3 colide com fatos históricos sobre Agripa II, que nada indica ter sido violentamente morto ao tempo de um suposto juízo final para os edomitas em 70 DC. Doutra feita, confusões sobre Edom são justamente o prenúncio, no v. 9 (“cobrir-te-á a confusão”), para o extermínio definitivo no tempo de juízo marcado no verso 15.

Antes de examinarmos a ascendência de Agripa II, que com sua trajetória de vida constituem o exemplo histórico mais bem documentado contra o argumento “cinza” e contra a tese 1, cabem três comentários. Os dois últimos tentam concluir o Estudo 3.

- **Esclarecimentos finais e Conclusão**

1) O “Rei Herodes” em **At 12** é identificável como Herodes Agripa I (embora o Herodes em **At 13:1** seja seu tio Herodes Antipas¹⁸, seu antecessor como governante da Galileia e Pereia). A identificação se baseia, em parte, na descrição de sua morte, muito semelhante à da morte de Agripa I descrita por Josephus em “Antiguidades dos Judeus” (19.8.2); e em parte, no título do governante (“Rei”, em **At 12:1**), já que Agripa I é o único herodiano que teria tido regência sobre Jerusalém naquela época. Já o “Rei Agripa” em **At 25:13**, que vem a Cesareia com Berenice visitar Festo, é Agripa II, a quem o Procurador romano da Judeia (Festo) convidara para assisti-lo em um julgamento do Apóstolo Paulo.

2) Toda a linhagem herodiana aqui esmiuçada cumpriu, quase que literalmente, também a parte da profecia na bênção de Isaque a Esaú que é mais controversa (**Gn 27:39**, devido a uma divergência nas traduções do texto masorético¹⁹, analisada na seção “Até onde vai Edom?” no Estudo 2). Pela força da espada e pela astúcia própria de caçadores, eles viveram do orvalho dos céus e das gorduras da terra, mas sem uma posse abençoada delas. Enquanto sacudiam o jugo hasmoneu imposto por João Arcano e se asenhoreavam dos descendentes de Jacó, visivelmente não por muito tempo em escala

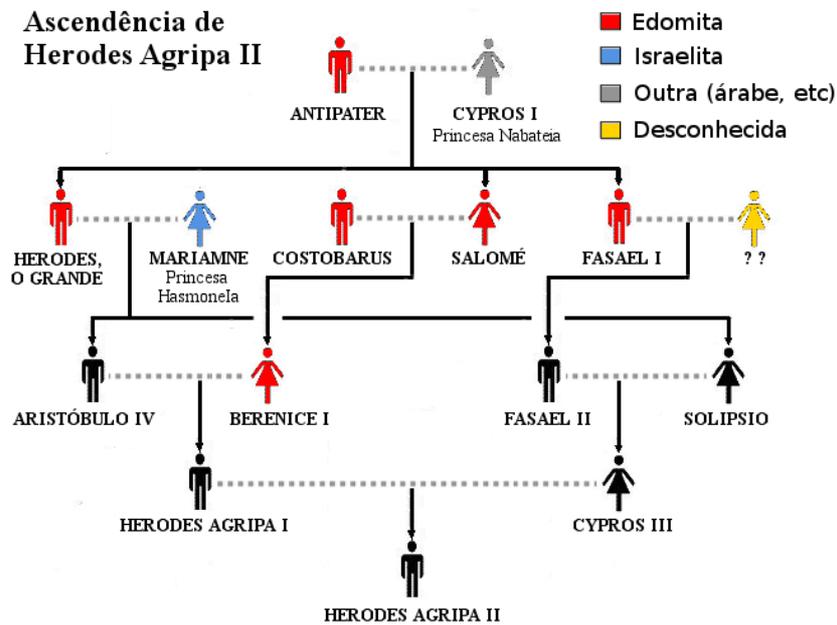
17 [http://en.wikipedia.org/wiki/Teman_\(Edom\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Teman_(Edom))

18 ver genealogia na página 9

19 <http://lavistachurchofchrist.org/LVanswers/2011/09-23a.html>

histórica: enquanto durou a dinastia herodiana (o tema deste senhorio será retomado no Estudo 7, quanto à sua possível camuflagem após a diáspora).

3) Enquanto estes Estudos sobre Edom estão sendo preparados, a geopolítica global parece ir reeditando os enredos vividos pelo fundador da dinastia herodiana que foram narrados neste Apêndice. O objetivo dos Estudos seguintes da série (Estudos 4 a 7) é examinar as demais teses que se propõem, com alguma consistência (teses 2 a 6), a responder a pergunta no subtítulo da mesma (Edom: o que significa no passado, presente e futuro?), à luz do contexto geopolítico atual e seus desdobramentos. Motivado especialmente pelo estímulo que o profeta Daniel nos oferece em **Dn 12: 8-10**.



- um rei "convertido ao judaísmo" que se alia ao imperador romano para destruir Jerusalém e o Templo
- um "judeu completo" com avôs e avós de pais edomeus, e todos os bisavôs edomeus